



SYNTAGMA

JULIANA BARBOSA

NELSON SARGENTO

100 ANOS DE UM RIZOMA DO SAMBA

fund. 2023





FLAP

“Originalmente um trabalho acadêmico, este livro não tem aquele tom às vezes doutoral que definitivamente não combina com a simplicidade de Nelson. É que Ju, além de competente pesquisadora, é sambista, com aquele modo bonito de ver as coisas do mundo que caracteriza quem é de samba”.

Rachel Valença



JULIANA BARBOSA

Professora da Universidade Federal do Paraná, Juliana Barbosa é graduada em Relações Públicas, com mestrado, doutorado e pós-doutorado em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina. Pesquisa a cultura do samba e do carnaval, é idealizadora do projeto Estação Samba, jurada do Estandarte de Ouro e autora do livro “Nelson Sargento e as Redes Criativas do Samba”, que inspirou esta obra.



SYNTAGMA

CURITIBA, 2024

JULIANA BARBOSA

NELSON SARGENTO

100 ANOS DE UM RIZOMA DO SAMBA



*Se você não espalhar o que viu,
a história não anda.
O samba é um grande delator.*

Nelson Sargento

Capa > Jonas Lopes (ilustração)
Diagramação > Jonathan Figueiredo
Coordenação Editorial > Hertz Wendell de Camargo
Revisão > Josemara Stefaniczen
Produção Eletrônica > Syntagma Editores
Fotografias > Arquivo pessoal da autora

Conselho Científico Editorial

Dr. Antonio Lemes Guerra Junior (UEL)
Dr. Aryovaldo de Castro Azevedo Junior (UFPR)
Dra. Beatriz Helena Dal Molin (UNIOESTE)
Dr. José Ângelo Ferreira (UTFPR-Londrina)
Dr. José de Arimatheia Custódio (UEL)
Dra. Liliane Cunha de Souza (UFPB)
Dra. Vanina Belén Canavire (UNJU-Argentina)
Dra. Elza Kioko Nakayama Murata (UFG)
Dr. Ricardo Desidério da Silva (UNESPAR-Apucarana)
Dra. Ana Claudia Bortolozzi (UNESP-Bauru)
Dra. Denise Machado Cardoso (UFPA)

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

N425 Barbosa, Juliana. 1975-
Nelson Sargento: os 100 anos de um rizoma do samba. / Juliana Barbosa. –
Curitiba : Syntagma Editores, 2024.
152 p.

ISBN: 978-65-984133-0-9

1. Nelson Sargento. 2. História do Samba. 3. Biografia. I. Título. II Barbosa, Juliana.

CDD: 700 / 780

CDU: 92 / 93



SYNTAGMA

Copyright © 2024, Syntagma Editores Ltda. Curitiba (PR), 24 de julho de 2024.

www.syntagmaeditores.com.br



SUMÁRIO

- | | |
|-----------|---|
| 11 | Prefácio |
| 18 | Apresentação |
| 25 | Meu encontro com Nelson Sargento |
| 37 | Menino da Mangueira (e do Salgueiro) |
| 49 | Sargento Nelson: a serviço das rimas |
| 61 | Nos tempos do Zicartola |
| 70 | Colorindo o Rosa de Ouro |



SUMÁRIO

80 **Nos bastidores da criação**

92 **Nelson Sargento e a literatura do samba**

106 **A estética diaspórica na obra de Nelson Sargento**

124 **Um rizoma do samba**

135 **O suspiro derradeiro**

146 **Referências**



Nelson centenário

Nelson Sargento está completando 100 anos. Não faz muito tempo que nos deixou. Viveu muito e nos faz uma falta danada. Poder ler agora o lindo trabalho que Juliana Barbosa fez sobre sua obra de compositor é um presente e tanto, que nos ajuda a lembrar a figura querida.

Originalmente um trabalho aca-

dêmico, este livro não tem aquele tom às vezes doutoral que definitivamente não combina com a simplicidade de Nelson. É que Ju, além de competente pesquisadora, é sambista, com aquele modo bonito de ver as coisas do mundo que caracteriza quem é de samba. Ela poderia ter ido buscar na literatura o objeto de sua pesquisa de doutorado em Estudos da Linguagem escritores ou poetas de nossa literatura. Qualquer escritor do cânone alimentaria o estudo científico do processo de criação artística. Mas Ju escolheu um poeta popular, um sambista. Mero acaso? Certamente não. Ela foi atrás de um criador que fosse ca-

paz de se comunicar com algo mais do que simples palavras.

Escolhendo Nelson Sargento, acertou em cheio. Nele, a poesia não está apenas nas letras de sambas, mas também nas conversas, nas telas pintadas, no violão, na amizade. Fomos amigos por mais de 40 anos, uma amizade até certo ponto improvável, mas que prova que nesta vida os fatos podem surpreender, e nisso reside toda a graça de estar no mundo.

Cariocas ambos, foi em Curitiba, num encontro nacional de pesquisadores de música brasileira que nos conhecemos, no início da década de 1980. Após os dias de longos

debates, enquanto os participantes iam jantar e tomar vinho, nós – a bancada do samba – preferíamos voltar a pé para o hotel, saboreando chocolate quente em quiosques para espantar o frio. Conversávamos sobre vários assuntos e cantávamos sambas, muitos sambas. De volta ao Rio, a amizade prosperou e se manteve para sempre.

Para quem, como eu, teve a sorte de conhecer e conviver com Nelson, a leitura deste trabalho significa a oportunidade de lembrar a pessoa simples que, sob o manto da afabilidade, guardava sabedoria e memórias incríveis, que dividia generosamente. Para quem não desfrutou

desse privilégio, é hora de aproveitar o que a sensibilidade da autora conseguiu selecionar como fundamental para conhecer sua vida, sua obra e principalmente um modo de viver e criar característico de uma época que, sem as facilidades de hoje, era marcada por solidariedade e respeito. Acima de tudo, por uma elegância que hoje não é tão fácil encontrar. Nelson foi um dos mais perfeitos cavalheiros que conheci.

Com certeza isso não passou despercebido a Juliana, que identificou uma característica que também é sua. Escolhas não são fruto do acaso: revelam identidades. A leitura deste trabalho não nos des-

venda apenas o objeto de estudo, mas também a autora dele, parte dessa maravilhosa confraria de cultores do samba.

Rachel Valença

Pesquisadora



O samba e a pesquisa acadêmica

Sempre me perguntam como eu levei o samba para minhas pesquisas acadêmicas. Já respondi de várias formas. Com o tempo fui entendendo que, na verdade, foi o samba que me levou a ser pesquisadora. Criada numa casa de poucos livros, meu gosto pela leitura aconteceu por meio das letras das canções.

Sempre gostei de ler os encartes dos discos de vinil que meus pais compravam – que eram, invariavelmente, do mesmo gênero musical.

A tradição vem de longe. Minha mãe foi pela primeira vez a uma quadra de escola de samba levada pelo meu avô. Meus pais fizeram o mesmo comigo. Foi com eles que, ainda criança, comecei a frequentar rodas de samba. Desde os anos 80 assistimos juntos aos desfiles das escolas de samba, pela televisão (desde a Rede Manchete) ou na Marquês de Sapucaí. Foi também na companhia deles que conheci as quadras da Portela, da Mangueira, da Vila Isabel e da Viradouro.

De tanto ouvir, fui percebendo que o samba tinha sua própria literatura, elaborava seus próprios conhecimentos. Saberes que não estavam nas bibliotecas, mas desfilavam nas avenidas e transitavam pelas rodas, nas ruas e bares. Além da riqueza poética, as letras de samba são uma fonte de leitura de mundo e constituem um contraponto aos discursos dominantes. São crônicas do cotidiano, falando de temas como o amor, o morro, a comida, o futebol, a economia, a política, a religião, o carnaval e o próprio samba.

Dessas vivências, nasce uma pesquisa(dora) destinada a investigar cientificamente a cultura do

samba e do carnaval. Tudo começou em 2004, quando iniciei um estudo sobre o processo de criação dos desfiles das escolas de samba do grupo especial do Rio de Janeiro. A pesquisa foi realizada no mestrado do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina (PR).

Defendida a dissertação, desci dos carros alegóricos e pisei no chão dos terreiros para fazer o doutorado. Foi quando decidi estudar o processo criativo de Nelson Sargento. Cantor, compositor, artista plástico, escritor e ator, o sambista foi tema da minha tese, desenvolvida entre os anos de 2010 e 2013, na

mesma universidade. Essa pesquisa virou o livro “Nelson Sargento e as redes criativas do samba”, que tive o prazer de lançar nas comemorações de seus 90 anos, em 2014. O evento foi na livraria Folha Seca, na charmosa rua do Ouvidor, no centro do Rio de Janeiro.

Agora, uma década depois, esta coletânea de textos celebra os 100 anos do nascimento dessa figura que ocupa a mais alta patente na história do samba brasileiro. Parte do que você vai encontrar aqui também foi inspirado na tese de doutorado, mas dessa vez o conteúdo é apresentado com uma linguagem mais acessível. Em cada

capítulo conto um pouco do que observei estudando a obra de Nelson Sargento, a quem chamo de Rizoma do Samba. A alcunha foi inspirada no movimento criador do sambista que, numa profusão de cores, sons, imagens e palavras, nunca deixou o samba agonizar, muito menos morrer.

Juliana Barbosa

autora



1

Meu encontro com Nelson Sargento¹

Senti um baita frio na barriga quando fui entrevistar Nelson Sargento pela primeira vez. O ano era 2010 e eu estava dando início à coleta de dados da minha pesquisa de doutorado.

¹ Texto publicado originalmente na coluna ECOA do portal UOL, em 06/06/2021.



Entrevista com Nelson Sargento (2010).

Fonte: meu acervo pessoal

O ano era 2010 e eu estava dando início à coleta de dados da minha pesquisa de doutorado em Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Londrina, sob orientação da professora Edina Panichi. Para estudar cientificamente o processo de criação artística do sambista

Nelson Sargento, eu precisava realizar uma entrevista em profundidade com ele. Marcado o encontro, fui até o Rio de Janeiro.

Costumo dizer que sou uma londrinense que veio ao mundo em solo carioca. Nasci no bairro do Irajá, zona norte do Rio de Janeiro, e quando eu tinha menos de um ano de idade meus pais se mudaram para Londrina, no interior do Paraná. Desde então, toda oportunidade de voltar ao Rio sempre foi muito esperada e festejada pela família. Assim, fui aprendendo a amar a cultura carioca de um jeito muito intenso. Me tornei uma sambista doida por carnaval e apaixonada pela Mangueira.

Isso explica o enorme frio na barriga que me acompanhou no trajeto de ônibus entre o hotel em que me hospedei, na região da Lapa, e a casa de Nelson Sargento, em Copacabana. Ora o coração da mangueirense disparava, sabendo que iria se encontrar com um baluarte do samba, ora a cientista respirava fundo e conferia o roteiro da entrevista.

Assim que Evonete, esposa de Nelson Sargento, abriu a porta do apartamento, me deparei com o antológico violão que ele tocou no espetáculo Rosa de Ouro. Já conhecia o instrumento através de fotos, mas estar ali, diante daque-

la relíquia histórica, foi de um encantamento! Um prazer que quem é cientista sabe explicar e quem é sambista sabe sentir.

Da sala, avistei uma coleção de discos farta em quantidade e qualidade, que só não guardava mais raridades que a própria memória prodigiosa do sambista. Na estante, troféus e homenagens confirmavam que ali residia uma figura fundamental da cultura brasileira. A presença do verde-e-rosa no ambiente foi amplificada quando Nelson apareceu com a camisa da Mangueira. Então já não era mais possível separar a sambista da cientista.

Enquanto eu me preparava para

iniciar a entrevista, ele deu início à conversa, falando que não se sentia realizado. “Tenho sempre a intenção de aprimorar o que eu faço. São tantos projetos que vou precisar fazer um acordo com São Pedro, para me deixar por aqui pelo menos até 2030”.

A entrevista durou quase duas horas, em sua sala de jantar. Logo que entendeu meu interesse pelo processo de criação artística, ele perguntou: “Quer conhecer meu ateliê?”. Respondi prontamente que sim. “Você está nele”, disse o artista, apontando para as telas em elaboração ajeitadas no chão, ao lado da mesa de jantar.

Perguntei então se poderia ter acesso aos rascunhos, anotações e primeiras versões de algumas de suas composições. Esse é um dos métodos de investigação da Crítica Genética, área do conhecimento que estuda o movimento criador, buscando valorizar a beleza dos processos. Partimos do pressuposto que uma obra de arte não nasce pronta e tentamos descobrir o que a obra pronta nem sempre dá conta de revelar.

Ele achou estranho esse interesse por rascunhos, óbvio. Daí falei que a proposta era mostrar a riqueza dos bastidores da criação. Fui explicando que estudamos o

caminho percorrido pelo artista em busca da melhor maneira de comunicar uma ideia. Chamamos isso de estética criadora. Ele me ouviu atentamente, se levantou e com o bom humor que lhe era peculiar, saiu em direção a um dos cômodos da casa cantarolando: “Tá legal, eu aceito o argumento”. Na volta, trouxe em mãos seus cadernos de anotações, um tesouro para os arqueólogos da criação artística. Me esbaldei diante daquela incubadora de ideias.

A entrevista durou pouco mais de uma hora e meia. No encerramento, quando já me despedia, ele disse que eu não sairia dali sem

que ele cantasse. “E essa é inédita” anunciou ele, já dando os primeiros acordes: “Esta casa vazia onde o nosso amor era lindo de ver, tudo agora é saudade, dura realidade sem você. Solidão também mora nesta casa vazia, solidária comigo nesta nostalgia”.

Como cientista saí dali abastecida de exemplos sobre a ideia de cultura como modo de vida: as telas em elaboração em sua “salateliê”, o caderno de anotações como um manancial de obras em construção, os discos mostrando a riqueza de suas referências. Como sambista, saí em estado de graça por tudo que vivenciei ao lado de um ídolo,

e absolutamente encantada com a gentileza de Nelson. Ouvir a canção inédita foi como saborear uma deliciosa sobremesa depois de desfrutar de um banquete.

Depois desse, vieram outros encontros e entrevistas. Em 2013 participei de sua posse como presidente de honra da Mangueira. No ano seguinte, nas comemorações de seus 90 anos, estivemos juntos para o lançamento do livro que é resultado de minha tese. De lá pra cá, publiquei artigos, fiz palestras, apresentações em congressos, espetáculos musicais, programas de rádio, entrevistas e *lives* sobre Nelson Sargento.

Ele não estará por aqui em 2030, como havia combinado com São Pedro, mas a poesia de suas canções, as cores de suas telas e as histórias que registrou vão atravessar muitas gerações. Seu legado é seiva que alimenta o jequitibá do samba.



Menino da Mangueira (e do Salgueiro)¹

Ainda criança, Nelson Sargento teve os primeiros contatos com o samba no morro do Salgueiro e, aos 12 anos, se mudou para o morro da Mangueira. Essa mudança de cenário (e que beleza de cenário!) foi decisiva em sua trajetória.

¹ Texto inspirado em trecho do livro “Nelson Sargento e as Redes Criativas do Samba”, de minha autoria, publicado em 2014 pela editora Appris.



Posse de Nelson Sargento como Presidente de honra da Estação Primeira de Mangueira em 2013. Fonte: meu acervo pessoal

Nascido no Rio de Janeiro, Nelson Mattos veio ao mundo em 25 de julho de 1924. Filho de Rosa Maria da Conceição e Olímpio José de Mattos, conviveu pouco com o pai, que era cozinheiro de profissão e morreu em um acidente na cozinha

de um restaurante. A mãe trabalhava como empregada doméstica e cozinheira na casa de uma família de comerciantes no bairro da Tijuca.

Quando saiu desse emprego, Rosa Maria e o filho foram morar no morro do Salgueiro, em um barraco alugado. Para se manter, ela passou a lavar roupas. O menino entregava as trouxas lavadas e passadas, atribuição à qual o sambista sempre se referia com muito orgulho. Mesmo ajudando a mãe, ele não deixou de estudar, tendo frequentado as escolas públicas Pareto, Humberto de Campos, Francisco Cabrita e Bezerra de Menezes. Fez o ginásio (incompleto) no Colégio Ultra, na Praça da Bandeira.

Aos 10 anos de idade, no morro do Salgueiro, Nelson teve o primeiro contato com o samba, e chegou a desfilar tocando tamborim na Azul e Branco, uma das três agremiações que se fundiriam para formar o Acadêmicos do Salgueiro, escola do grupo especial do carnaval carioca. Ele tinha 12 anos quando se mudou com a mãe para o morro da Mangueira, a convite de seu padrasto, Alfredo Lourenço, mais conhecido por Alfredo Português. A nova moradia ficava numa região do morro conhecida como Santo Antônio.

Essa mudança foi determinante para a vida de Nelson. Alfredo Português era um grande articulador

cultural. Lusitano, veio para o Brasil como contratado da Marinha Brasileira por volta de 1930. Sua casa foi uma espécie de centro criador e irradiador da cultura popular, localizada num dos principais pontos da tradição do samba carioca à época. O empreiteiro da construção civil e compositor de samba fazia parte da ala de compositores da escola de samba Unidos de Mangueira.

Aos autores do livro “Um certo Geraldo Pereira²”(1983), Nelson Sargento declarou que Alfredo foi seu pai de criação na vida e na música, que o ensinou a viver,

² CAMPOS, A. D. *et al.* Um certo Geraldo Pereira. Rio de Janeiro. Funarte/INM/Divisão de Música Popular, 1983.

a fazer samba e a pintar paredes. “Tocava guitarra e criava versos de improviso que faziam rir todo mundo no morro. Quando Alfredo comprou um violão, eu aprendi algumas posições com o Cartola e com o Aluísio Dias”.

Durante uma das entrevistas que fiz durante a pesquisa de doutorado, Nelson Sargento chamou a casa em que morou em Mangueira de “Butantan Musical”³: um lugar cheio de cobras como Cartola, Nelson Cavaquinho, Carlos Cachaca, Zé com

³ Referência ao Instituto Butantan - um dos maiores centros de pesquisa biomédica do mundo, responsável por mais de 93% do total de soros e vacinas produzidas no Brasil, famoso pelo serpentário que além de abrigar animais, realiza extração dos venenos necessários à produção de soro.

Fome, Geraldo Pereira, Gradim, Babaú, Malvadeza e Aniceto, que se reuniam aos sábados e domingos para bater papo, trocar ideias, tocar e cantar. “Era ali, diante de meus olhos que esses mestres compunham e cantavam samba. Nossa casa era uma espécie de academia, onde os catedráticos ensinavam samba aos mais novos”.

Uma das melhores histórias contadas por ele nessa entrevista é a do dia em que apareceu no morro um compositor procurando o português que fazia versos bonitos: “Vim conhecer o amigo e ficar aqui algumas horas”. O compositor era Nelson Cavaquinho, que ficou mais

de seis meses por lá, numa parceria que rendeu vários sambas.

Essa instituição de ensino, como bem definiu Nelson Sargento, formou muita gente. Foi lá, por exemplo, que Geraldo Pereira conheceu Cartola, encontrou Nelson Cavaquinho e aprendeu poesia e ritmo. Morando ali, Nelson ouviu em “primeiras audições” muitos sambas feitos por Geraldo Pereira. “A casa de Alfredo Português era o primeiro auditório que o Geraldo usava para testar suas melodias. Ia para lá e ficava a noite inteira tocando violão e assuntando samba como o Alfredo” (Campos *et al.*, 1983, p. 48).

A princípio, um lusitano ensi-

nando samba pode parecer estranho. Mas a ligação de Alfredo com a cultura popular vinha de além-mar. Ele era fadista de Alfama – um dos mais antigos e tradicionais bairros de Lisboa, conhecido por seus restaurantes e casas de fado. Declarado Patrimônio Imaterial da Humanidade pela UNESCO, o fado nasceu nos contextos populares da Lisboa oitocentista, nos momentos de convívio e lazer. Conforme o Museu do Fado⁴, seus artistas – os cantadores – evocam temas do cotidiano em suas obras e estiveram associados às esferas marginais da sociedade. A manifestação artísti-

⁴ www.museudofado.com.br

ca lusitana reestruturou-se temática e melodicamente para subir aos palcos do teatro de revista, e ultrapassou barreiras geográficas por meio da difusão radiofônica.

Dessa vivência no fado, Alfredo Lourenço tinha boas experiências para trocar com os poetas populares brasileiros. Nas rodas de samba em sua casa, o adolescente Nelson Mattos ficava por perto, ouvindo e decorando tudo, com uma função bem definida: “Eu estava ali, vivendo aquilo, mas não estava bem enfronhado naquilo. Minha função era buscar a cachaça e a cerveja”. O padraço, no entanto, sempre dizia: “Já que estás aqui, que apren-

das alguma coisa”. E o Alfredo “tinha muita paciência comigo, para explicar o porquê Cartola, o porquê Aluísio, o porquê Carlos Cachça”.

E assim cresceu o menino do Salgueiro que foi parar na Mangueira: ao mesmo tempo em que abastecia as rodas de samba, também bebia daquela fonte. Nessas rodas provou duma tal de literatura do samba e ficou fascinado pelo seu sabor. Foi quando começou a prestar atenção nas letras dos sambas. Em 1947 fez o seu primeiro samba-enredo na Estação Primeira, escola que o elegeria Presidente de Honra, mais de 60 anos depois. Desde então, nunca deixou de trabalhar a serviço das rimas.



Sargento Nelson: a serviço das rimas⁵

Em sua breve passagem pelo Exército, o jovem Nelson Mattos foi promovido a sargento, patente que futuramente seria incorporada ao seu nome artístico. Na tropa do samba, Nelson Sargento atuou a serviço das rimas.

⁵ Texto inspirado em trecho do livro “Nelson Sargento e as Redes Criativas do Samba”, de minha autoria, publicado em 2014 pela editora Appris



Entrevista com Nelson Sargento, em sua “salateliê” (2010). Fonte: meu acervo pessoal

Aos 20 anos de idade, Nelson Mattos ingressou no Exército. Com sua memória privilegiada, me contou em detalhes sobre essa época: “Entrei como voluntário em 1945, fui promovido a 3º sargento numa sexta-feira, 13 de setembro de 1946,

e licenciado no ano de 1949”. Na instituição militar, foi o sargento Nelson, e depois, quando começou a compor sambas, incorporou a patente ao nome artístico.

Nessa época, em meados da década de 1940, seu pai de criação, o Alfredo Português, foi convidado (ou melhor, aliciado, para usar as palavras de Nelson Sargento) pelo sambista Carlos Cachça, para integrar a ala de compositores da escola de samba Estação Primeira de Mangueira. Em 1947, Alfredo fez a letra do samba-enredo sobre o rio São Francisco, que seria tema do carnaval de 1948 da Escola, e entregou ao enteado dizendo: “Bota

música”. Foi assim que Nelson musicou o seu primeiro samba-enredo. “Eu acho que foi a partir dali que eu comecei a me enfronhar mais nas coisas do samba”, analisou o compositor.

A parceria criativa entre Alfredo Português e Nelson Sargento foi muito produtiva. A dupla foi vitoriosa por vários anos nas disputas de samba da Mangueira, com destaque para “Cântico à natureza – as quatro estações do ano”, com votação unânime dos 17 julgadores. Este samba, feito para o carnaval de 1955, é conhecido também como “Primavera” e se tornou um clássico do gênero, com mais de 20

regravações. Em 1975, a Mangueira o consagrou como um dos 10 melhores sambas de todos os tempos da escola.

Nelson conta que Alfredo o ensinou a entender o que era uma composição, a construção de uma poesia, a pensar musicalmente e a fazer rimas. “Então, até hoje tenho isso comigo, me considero um escravo da rima”, declara o sambista. A relação entre os dois retrata a interação entre gerações, típica da cultura do samba e das culturas populares de forma geral.

Em 1957, com o falecimento de Alfredo Português, Nelson Sargento foi eleito presidente da ala de

compositores da Mangueira, função que exerceu entre os anos de 1958 e 1962. Em depoimento, no CD “Nelson Sargento – Inéditas” (1991), o compositor narra que desfilou pela Estação Primeira por 32 anos seguidos. Depois foi se distanciando da escola em função de ter se mudado do bairro e porque “olhando para a estrutura do samba, eu também fui me entristecendo um pouco, e fui me afastando cada vez mais”.

Quando Nelson Sargento começou a compor, o samba-enredo, como é concebido hoje, não existia. “As escolas tinham o samba de concurso: os compositores re-

cebiam apenas o título do enredo, mas não a sinopse”⁶. Em sua opinião, este processo era mais propício para que se pudesse compor com mais lirismo e poesia de fato. Para o compositor, o aspecto melódico também ficou prejudicado, pois o tempo cronometrado, dentro do qual os milhares de integrantes de uma agremiação devem percorrer o sambódromo durante o desfile, exigiu um aceleramento no ritmo da canção.

Seu afastamento da ala de compositores da Mangueira, no entanto, não foi definitivo. Nelson Sargento ainda fazia outras incursões

⁶ Entrevista concedida para a pesquisa de doutorado, em 2010.

pelas disputas de samba-enredo na Estação Primeira. Em 1997, compôs “Tambores da Mangueira na terra da encantaria”; em 1999, fez “O século do samba”, em parceria com Josimar Monteiro e Francisco Blanco; em 2015 participou da disputado com o enredo “A Menina dos Olhos de Oyá”, em homenagem à cantora Maria Bethânia. A composição foi feita em parceria com Gustavo Louzada, André Karta Marcada e Agenor de Oliveira. Em entrevista ao jornal Extra (25/06/2015), ele disse que viu nesta homenagem um grande incentivo ao retorno. “Esse enredo é a vitória antecipada da Manguei-

ra”. E não é que ele acertou? A verde e rosa foi campeã do carnaval carioca naquele ano.

As temáticas parecem ter sido a grande motivação para o retorno de Nelson Sargento às disputas. Afinal, estamos falando de enredos que já nascem antológicos porque falam da cultura brasileira em sua essência: o centenário do samba, a própria Mangueira e os 50 anos de carreira de Maria Bethânia.

Mas não se engane, sua paixão pelo samba não amenizava seu posicionamento crítico. Em palestra realizada em agosto de 2010, na Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro, ele fez

uma reflexão sobre as transformações do carnaval, afirmando que “quando a classe média chegou às escolas de samba, o sambista não teve coragem de mostrar a cartilha do samba para eles. E eles acabaram impondo a cartilha deles”.

Ao avaliar que esse embate preteriu o protagonismo dos artistas populares, o sambista mostrava plena consciência das forças que agem sobre a dinâmica cultural. Essa consciência o fez ocupar uma alta patente no universo do samba, pois sabia a hora vestir a farda em defesa dessa manifestação cultural onde fosse preciso, nos terreiros, nas esquinas ou nos botequins,

como o Zicartola, espaço que conheceremos no próximo capítulo.



Nos tempos do Zicartola⁷

Esta placa registra a existência de um espaço definido por Nelson Sargento como uma roda de samba com cobertura.

Com boa comida e boa música, o local reuniu gente vinda dos mais tradicionais redutos do samba carioca e de lugares onde o samba ainda não havia figurado.

⁷ Texto inspirado em trecho do livro “Nelson Sargento e as Redes Criativas do Samba”, de minha autoria, publicado em 2014 pela editora Appris.



Placa na Rua da Carioca, no Rio de Janeiro, no local onde foi o Zicartola.

Fonte: meu acervo pessoal

Atualmente, no número 53 da Rua da Carioca, apenas uma placa deteriorada pelo tempo registra que ali foi um espaço social importante na história do samba urbano carioca. A casa de samba funcionou no início da década de 1960, na região central da cidade do Rio de Ja-

neiro. O texto da placa diz: “O casal Cartola e Zica, do samba carioca, manteve no sobrado o Zicartola, restaurante que sediou o encontro cultural entre as zonas norte e sul da cidade, de 1963 a 1965, quando Paulinho da Viola recebeu os primeiros cachês de sua carreira”.

Para Nelson Sargento, o Zicartola foi um espaço de convivência com sambistas de outras escolas, como Silas de Oliveira, do Império Serrano, Noel Rosa de Oliveira, do Salgueiro, os portelenses Elton Medeiros e Jair do Cavaquinho, entre outros. Também foi lugar de encontro com a oportunidade de se profissionalizar como músico.

Na entrevista com o sambista, quando perguntei sobre datas, fui logo lembrada da essência das coisas: “Data é um negócio muito sério, mas você descobre. Vou falar como tudo começou”. E foi falando que o início de tudo se deu com a comida que a Dona Zica fazia na rua dos Andradas “e uma porção de malandro ia comer”. Então alguém teve a ideia: vamos pegar isso e abrir uma casa, botar isso que está acontecendo aqui lá naquela casa. Aí se formou um restaurante chamado Zicartola.

Conforme Pereira (2008), a casa misturou sambistas da Zona Norte, bossa-novistas da Zona Sul, poetas

como Hermínio Bello de Carvalho, jornalistas como Sérgio Cabral e gênios como Paulinho da Viola. O lugar era um signo perfeito da íntima relação entre samba e comida, combinação típica das manifestações culturais de matriz africana.

A revista História do Samba (1998, n. 31) registra que o local tinha “Zica pilotando o fogão, compondo a feijoada mais famosa do Rio de Janeiro. Cartola temperando o violão, criando seus sambas de antologia. Da soma de ambos resultou o Zicartola: o restaurante onde a música era servida com sabor”. De acordo com a publicação, no auge de sua popularidade, o restau-

rante tinha “a Zona Norte cantando no palco e a Zona Sul abarrotando as mesas, a burguesia fascinada por uma música que, até então, praticamente lhe era desconhecida”.

João Antônio (2007) chamou o lugar de Templo do Samba e, por outro lado, avaliou que a aproximação da classe média foi responsável por tirar a legitimidade do lugar, “substituindo o cheirinho gostoso das cocadas por perfume francês e uísque”. Em sua opinião, tudo passou a “exibicionismo estereotipado, bestices do tipo pra turista ver”, com Zica e Cartola cercados por uma gente colonizada, que sequer saberia a diferença entre um pagode e um gurufim.

A casa fechou em 1965. Na opinião de uns, por ter perdido sua essência, na opinião de outros, pela falta de experiência comercial do casal. Nelson Sargento⁸ sempre reconheceu o valor daquele espaço para a cultura do samba e para sua carreira. “Acontece que frequentava o Zicartola muita gente, e eu não digo pesquisando samba, não no sentido exato da palavra pesquisa, mas lá estava o Hermínio, o Vianinha, o Cacá de Diegues”. Ele completa enumerando as produções originadas desses encontros: “o Cacá de Diegues acabou fazendo um filme que tem Cartola como ar-

⁸ Entrevista para a minha pesquisa de doutorado, em 2010.

tista, o Vianinha fez o Opinião, e o Hermínio fez o Rosa de Ouro. Quer dizer, tudo isso foi oriundo do Zicartola, e foi aí que eu fui chamado para fazer o Rosa de Ouro”. Esse espetáculo, que é um marco na música popular brasileira, é tema do próximo capítulo.



Colorindo o Rosa de Ouro⁹

Nelson conta que quando recebeu o recado para ir até o Teatro Opinião pensou: “Só pode ser para pintar o teatro, e como estava trabalhando, decidi não pegar outro serviço”.

Mas o colorido que ele daria ao espetáculo Rosa de Ouro seria outro.

⁹ Texto inspirado em trecho do livro “Nelson Sargento e as Redes Criativas do Samba”, de minha autoria, publicado em 2014 pela editora Appris.



Violões na sala da casa de Nelson Sargento,
ao centro o que ele tocou no Rosa de Ouro
Fonte: meu acervo pessoal

O Rosa de Ouro é um marco na música brasileira. O musical inaugurou, em 1965, um novo tipo de apresentações nos palcos cariocas. Por dois anos o espetáculo correu o Brasil e, neste período, de acordo

com a revista História do Samba¹⁰ “Aracy Cortes voltou às suas noites de grande estrela. Clementina iniciou carreira fulgurante. Paulinho da Viola já prometia ser o que é. Elton, Nelson Sargento, Anescar do Salgueiro e Jair do Cavaquinho deixaram de ser talentos conhecidos apenas em seus redutos e viraram ídolos, a princípio cariocas, depois nacionais”

Para compor o espetáculo, o diretor, Hermínio Bello de Carvalho, queria um compositor que tocasse o violão “como se tivesse no terreiro, na sua casa”. Então Elton Medeiros, que já estava no elenco, indicou

¹⁰ Revista História do Samba n. 30, p. 582.

Nelson (que ainda era Mattos). Eles então foram até Mangueira em busca do compositor, que naquela época era pintor na construção civil. Chegando lá deixaram recado com a então esposa de Nelson para que ele fosse ao Teatro Jovem. Ele recebeu o recado e imaginou: “Só pode ser para pintar o teatro, e como estava trabalhando, decidi não pegar outro serviço”. Mas o colorido que Nelson daria ao espetáculo seria outro. E para isso, Elton e Hermínio precisaram subir o morro mais duas vezes até que Nelson resolvesse comparecer ao Teatro.

O grupo já estava ensaiando e Nelson precisava comprar um violão

para integrar o elenco. Encontrou um violão usado e disse a Hermínio, entretanto, que não tinha como pagar. Hermínio comprou o instrumento. “Eu acho que daí, no Rosa de Ouro, é que eu me enfronhei mesmo no universo do samba”, avalia o cantor e compositor. O emblemático “passaporte” da carreira artística de Nelson Sargento até hoje decora a sala de seu apartamento.

Foi no Rosa de Ouro que Nelson Sargento conheceu Paulinho da Viola. “Quando ele tocou o samba ‘14 anos’, perguntei ao Jair do Cavaquinho se o samba era do garoto”. Confirmada a autoria, logo o sambista reconheceu estar diante

um novo talento da música popular brasileira.

Com este espetáculo, Nelson também viajou por muitas cidades do país. “Começamos no Teatro Jovem, no Rio de Janeiro, depois nos apresentamos em Salvador, no Teatro Vila Velha, em São Paulo, no Teatro Oficina e no Paraná, no Teatro Guaíra, onde o Hermínio foi agraciado com o troféu Pinheiro de Ouro”.

O espetáculo teve grande importância para fomentar a cultura do samba no país. Ruiz (1984, p. 2015) definiu o Rosa de Ouro como um “marco para o futuro”, citando uma série de matérias publicadas

na imprensa da época, que avaliou o espetáculo como “uma apoteose ao samba autêntico” (Correio da Manhã), “uma peça que deslumbra a plateia” (Revista Melodias), entre outras.

Com o fim da turnê, cinco crioulos decidiram garantir que a voz do morro continuasse a ser ouvida. O conjunto “A Voz do Morro” foi criado em 1965 por Zé Kéti. Nelson Sargento participou do segundo e do terceiro discos de vinil gravados pelo grupo, formado também por Zé Cruz, Elton Medeiros, Anescar, Jair do Cavaquinho, Paulinho da Viola e Oscar Bigode.

Desde então, Nelson foi tran-

sitando de trabalhador da construção civil para trabalhador da cultura. Ainda na década de 1960, começou a participar de produções audiovisuais. Aos 50 anos teve sua primeira exposição como artista plástico, o evento foi organizado pelo jornalista Sérgio Cabral e que teve Paulinho da Viola como primeiro comprador. Cinco anos depois, na comemoração de seus 55 anos, Nelson lançou seu primeiro álbum solo, o disco de vinil *Sonho de um Sambista*. Aos 60, o artista deu início à carreira de escritor, como coautor da biografia de Geraldo Pereira, depois vieram os livros de poesia. Para informações

mais detalhadas de toda sua produção artística, indico o material bibliográfico organizado por Elfi Kürten Fenske¹¹

Os encontros no Zicartola e a participação no Rosa de Ouro, foram para Nelson Sargento uma espécie de porta de entrada para o mundo artístico. Desde que deixou de pintar paredes para dar cor ao Rosa de Ouro, nunca mais parou de colorir o mundo com a sua arte, atuando em diversas linguagens. O próximo capítulo faz um breve passeio pelo universo criador deste artista, revelando belezas guardadas nos bastidores de seu processo criativo.

¹¹ Material disponível em: <https://www.elfikurten.com.br/2020/11/nelson-sargento.html>



Nos bastidores da criação¹²

Um dos motes inspiradores de Nelson Sargento era o interesse por uma palavra, um ditado popular, um verso. O que era ouvido ou lido pelo artista e lhe agradava, logo entrava para a sua coleção de frases e pensamentos.

¹² Texto inspirado em trecho do livro “Nelson Sargento e as Redes Criativas do Samba”, de minha autoria, publicado em 2014 pela editora Appris.



Caderno de anotações de Nelson Sargento:
sua incubadora de ideias
Fonte: meu acervo pessoal

“Eu costumo dizer que, para os fatos da vida, há sempre uma música pronta. Eu tenho a mania de procurar essas máximas”. O comentário de Nelson Sargento revela que um de seus principais motes inspiradores sempre foi o interesse

por uma determinada palavra, um ditado popular, um verso ou mesmo uma expressão cotidiana em evidência. O que era ouvido ou lido pelo artista e, de alguma forma, lhe agradava, logo entrava para sua coleção de frases e pensamentos, cuidadosamente registrados em seus cadernos.

Essas referências eram anotadas de forma muito organizada, e as poucas intervenções eram caprichosamente feitas com corretivo líquido, tornando quase imperceptíveis os vestígios das transformações ocorridas durante a produção textual. Essas anotações procuravam manter a sensibilidade viva

e, a partir do que foi registrado, a imaginação do artista experimentava novas combinações para os elementos já existentes.

Para conhecer sua estética criadora foi preciso, portanto, um olhar interessado em localizar fatos lembrados ou músicas ouvidas sendo levados para canções em construção, partes de uma obra reaparecendo em outras criações do próprio artista, a interação com seus antecessores, sua relação com a cultura, entre outras possibilidades de inferências. Daí a opção por usar o conceito de redes da criação, de Cecília Salles (2006), que analisa a permanente interação do artista

com o espaço e o tempo sociais da sua criação.

Um exemplo interessante, citado por ele na entrevista feita em 2010, é com uma palavra que ele ouviu em uma canção: “No momento eu estou embaraçadíssimo com a palavra embaraçadíssimo. Eu ouvi esse termo numa música gravada pelo Jorge Goulart e quero fazer uma composição com ele”. Nos dois anos que se seguiram à entrevista, por várias vezes, indaguei o compositor a respeito da conclusão da referida obra, recebendo sempre resposta negativa. Neste espaço de tempo, uma entrevista dada pelo sambista Wilson das Neves, confirmou que a pressa

não fazia parte do movimento criador do sambista: “Eu fiz uma melodia e mandei para ele colocar letra. Depois de dois anos eu perguntei se estava pronta e ele me falou: ‘Tás com pressa?’”.

Esse jeito de lidar com o processo criativo lembra a entrevista citada por Silva e Oliveira (2008) em que Cartola declarou ao jornal Gazeta, de Vitória (ES), de 09/05/1978: “Eu não fabrico sambas [...] faço música para você guardar dentro de si eternamente, no seu coração e não apenas na sua coleção de discos”. Nelson Sargento também não se rendia às efemeridades de um mundo que luta contra o tempo. Ao

contrário, viu o tempo como parceiro e fonte de inspiração: trabalhava com esmero poético e com o desejo que a sua criação não fosse apenas um produto mercadológico. Dialogando com compositores de ontem e de hoje, misturava temas e palavras retirados do baú com fatos e expressões da atualidade.

No caso do “embarafustado”, o tempo de germinação foi de aproximadamente dois anos. Em 2012, confirmamos que a obra estava pronta. Nelson Sargento foi responsável pela criação da primeira parte (letra e melodia) e seu parceiro, Agenor de Oliveira, fez a segunda parte do samba (letra e melodia).

Na composição original, chamada “Num galho de acácias”, o termo aparece primeiramente de forma literal e, num segundo momento, faz analogia a uma paixão: “Num galho de acácias amarelas, uma aranha fez a sua teia. E um besouro, grande amigo delas, embarafustou-se na casa alheia. Tu és uma aranha cor-de-rosa, por um beijo teu minh’alma anseia. Eu vivo uma vida dolorosa, preso nos fios de tua teia”.

No samba, Nelson Sargento e Agenor de Oliveira tornam predominante o sentido metaforizado do termo: “Me embarafusteí completamente no seu olhar ardente pontilhado de emoção. [...] Me emba-

rafustei, não tem mais jeito. Se eu tirar você do peito, vou ficar sem coração”. A conotação de envolvimento emocional manifesta-se desde o começo, transmitindo a ideia de uma interação intensa, impossível de ser desfeita.

Na criação dessa canção, Nelson Sargento abriu as gavetas do tempo, recuperando um verbo quase em desuso, e reconstruiu o passado de forma singular. Desse modo, além das parcerias criativa e discursiva, o trabalho de criação do samba também estabeleceu o diálogo entre épocas distintas: a música de referência foi gravada na década de 1940, e seus versos ganharam novo

vigor mais de 70 anos depois. Há, ainda, o diálogo com outro gênero musical, já que a composição que inspirou o samba é um *fox-trot*.

Enfim, ao acessar os bastidores da criação de Nelson Sargento identificamos em sua estética criadora várias interações típicas de um mediador cultural: compondo e gravando com diversas gerações de sambistas, interagindo com outros ritmos musicais, buscando palavras de outras esferas culturais ou fazendo palestras em universidades, o artista colocou em contato diferentes épocas, sons, discursos e classes sociais. O movimento criador do samba ilustra com proprie-

dade a concepção de Stuart Hall (2003) para quem a cultura não é somente aquilo que a tradição faz das pessoas, mas aquilo que as pessoas fazem da tradição.



Nelson Sargento e a literatura do samba

*“Dizem que o sambista não é poeta.
Mas será que não é poeta quem faz um
verso como esse: ‘Tire o seu sorriso do
caminho, que eu quero passar com a
minha dor’ [...] Não é poeta,
um homem desses?”*

Nelson Sargento



Entrevista com Nelson Sargento (2010)
Fonte: meu acervo pessoal

“Meninos, prestem atenção na literatura do samba, porque ali tem poesia, tem pensamento, tem trova”. Com estas palavras, Nelson Sargento finalizou sua palestra sobre cultura, em agosto de 2010, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Pouco antes de

concluir a fala, ele pontuou: “Dizem que o sambista não é poeta. Mas será que não é poeta quem faz um verso como esse: ‘Tire o seu sorriso do caminho, que eu quero passar com a minha dor’¹³. [...] Não é poeta, um homem desses?”.

As letras das canções foram as primeiras responsáveis pela sedução que o universo do samba exerceu sobre o menino Nelson Mattos. Seu fascínio pela literatura do samba se manifestava de diversas formas: seja no desejo que tinha de escrever um livro reunindo enunciados poéticos de sambas, seja na forma com que

¹³ Trecho da canção “A flor e o espinho” de Nelson Cavaquinho, Guilherme de Brito e Alcides Caminha.

manejava os recursos criativos da linguagem ou, ainda, no costume de colecionar pensamentos seus e de outros sambistas, como os de Padeirinho da Mangueira, cantor, compositor e ritmista contemporâneo de Nelson Sargento.

Ditados populares e expressões em evidência também lhe interessavam. No álbum “Sonho de um sambista”, gravado em 1979, localizamos três exemplos: “Agora vai ser tudo diferente. É olho por olho, e dente por dente (canção “Lei do Cão”); “Ela não quer ouvir a voz da razão. Eu não vou consumir tanta traição. Já disse com sabedoria, alguém que eu não me lembro

o nome: mulher de amigo meu pra mim é homem” (“A mulher do meu amigo”); “Você se julga muito bom e até perfeito, por qualquer coisa deita logo falação” (“Falso moralista”).

Em parceria com Nei Lopes, Nelson Sargento compôs na mesma linha discursiva, o samba “Pela sombra”¹⁴: “Vá com Deus. Vá pela sombra pra não se queimar. [...] Siga em frente, sem retorno, sem parada. Lembre que água passada não move a pá do moinho não”. Ao elaborar a melodia, Nei Lopes conta que para a primeira parte do samba, feita por Nelson Sargento, ele criou uma melodia que remete ao estilo de Carto-

¹⁴ Canção gravada em 1989, no álbum “Pela sombra” pela BMG-Ariola.

la (compositor da Mangueira), e as outras duas partes, de autoria dele, ele adornou intencionalmente com uma melodia inspirada no estilo de Noel Rosa, compositor de Vila Isabel, onde Nei Lopes residia à época. Foi uma forma de unir ainda mais as vizinhas Mangueira e Vila Isabel, disse o compositor.

Como diz o músico e linguista Luiz Tatit (2002), o cancionista mais parece um malabarista, equilibra a melodia no texto e o texto na melodia, distraidamente, como se para isso não fizesse qualquer esforço, tudo na base da habilidade, da manha e do improviso. Nesse número, os malabaristas Nei Lopes

e Nelson Sargento estabeleceram parcerias criativa, discursiva e rítmica, ligando dois bairros de tradição sambista, aos quais os compositores são relacionados.

Para o pesquisador Muniz Sodré (1998) a presença de aforismos e provérbios nas letras de samba é um legado negro; o provérbio é típico das sociedades tradicionais, que o utilizam, normalmente, como um instrumento educativo, baseado na experiência do saber ancestral. E na cultura do samba, segundo Sodré, o discurso proverbial não aparece somente em sua forma literal e acabada, mas se manifesta como forma de chamar à atenção para os

valores da comunidade de origem. A composição a seguir, embora não mencione um provérbio, tem esse sentido pedagógico dos ditados populares: “Sofre de verdade aquele que procura só encontrar felicidade. Os inconformados têm muito que penar ou, então, são obrigados com a existência a terminar. Desde que me entendo nada me atormenta, eu encaro a vida como ela se apresenta”¹⁵.

Muniz Sodré chama atenção para outro aspecto linguístico do samba: gerado na experiência da vida real, as letras não se limitam a falar sobre a existência social,

¹⁵ Canção “Fé em Deus”, gravada em 2001, no álbum “Flores em Vida”, pelo Selo Rádio MEC.

ao contrário, narram a existência. Nas letras de Nelson Sargento, assim como de outros compositores da mesma linhagem, o que se diz é o que se vive, o que se faz. O que não significa uma correspondência direta entre o sentido do texto e as ações da vida real, trata-se, na verdade, de uma posição cultural.

Usando aforismos e ditados populares, seja em sua forma literal ou não, Nelson Sargento contempla os falares cotidianos do português brasileiro, expressa valores da nossa sociedade, além de afirmar o aspecto didático da música negra em sua obra. Seja pela clareza da letra, pelo sentido pedagógico do discurs-

so ou pela forma como se organiza o texto, muitos de seus sambas falam a partir da postura de um conselheiro, cujo conhecimento é a experiência provada na vida real.

O livro “Pensamentos”, de Nelson Sargento, publicado em 2005, pela editora “Olho do Tempo”, reúne centenas de versos dessa natureza. Na apresentação deste livro, seu parceiro criativo, Agenor de Oliveira, diz que são “sabedorias adquiridas ao longo de sua história de vida, apresentadas numa espécie de haicai mangueirense. Versos livres em tríades e quadras, frases curtas desprovidas de maiores sofisticções, mas carregadas da poesia cotidiana de Nelson Sargento”.

Agenor de Oliveira e Nelson Sargento fizeram juntos mais de 20 sambas, numa dupla em que ambos fazem letra e música. “Existem parcerias em que ele me deu a melodia para eu colocar letra; outras em que ele me deu a primeira parte pronta e eu fiz a segunda parte; outras em que fizemos um pouco de cada”, explica Oliveira, que relata uma curiosidade: “Temos um samba chamado ‘Sinfonia imortal’ que começou do fim pro começo. O Nelson me deu a segunda parte pronta, letra e música, e eu tive de fazer a primeira... Só ele”, comenta. Além de compositor, Agenor é professor de Teoria da Literatura e, para ele, “a criação da

letra consiste numa busca estética pela rima e a melodia constitui uma espécie de adorno da letra”.

Nelson Sargento preocupava-se em colecionar os melhores versos, gostava de ler Augusto dos Anjos e Lima Barreto. E na rotina do sambista, o enriquecimento do repertório sempre foi uma constante. Durante alguns anos, se reunia com Paulinho da Viola toda semana para conversar e ouvir relíquias do samba. Ele gostava de garimpar aquilo que, de alguma maneira, tocava sua sensibilidade. E esses enunciados, ouvidos nos discos de sua farta discoteca, nos encontros musicais com Paulinho da Viola, nas leituras ou

mesmo nas conversas cotidianas, eram levados para seus cadernos, que desempenhavam a função de armazenamento da matéria-prima de sua criação. Ao acessar os bastidores da criação do sambista consegui visualizar a beleza do pensamento em plena criação: as razões da escolha de uma palavra, da seleção de um pensamento ou mesmo da opção por um tipo de melodia, que iriam formar um samba.



A estética diaspórica na obra de Nelson Sargento¹⁶

Ao contar a história da cultura negra por meio de suas criações artísticas, os sambistas reelaboram identidades que a diáspora apagou, propositalmente, nos quatro séculos de escravização dos povos africanos no Brasil.

¹⁶ Texto inspirado em artigo de minha autoria, intitulado “A estética diaspórica na obra de Nelson Sargento” apresentado no 6º Congresso Nacional de Carnaval (2023).



Tela de Nelson Sargento

Tenho afirmado que o samba é, provavelmente, o gênero musical brasileiro que mais fala de si mesmo em suas canções. Ao falar de seu próprio universo, o samba registra suas memórias e elabora sua identidade. Contando a história do povo negro, os sambistas reelaboram o

que a diáspora (dispersão de povos pela migração forçada) apagou, propositalmente, nos quatro séculos de escravização dos povos africanos no Brasil. Por ter esse papel de reconstruir o que a diáspora fragmentou, chamo a presença desse recurso linguístico no repertório do gênero musical de estética diaspórica.

Analisando o conteúdo temático dessas composições, identifiquei os tipos mais recorrentes e elaborei um conjunto de categorias classificatórias. As letras de conteúdo biográfico são chamadas de Tributos Cantados; as que abordam posturas comportamentais e valores da cultura do samba são de-

nominadas Estatuto do Sambista; as canções que registram elementos fundadores do gênero musical, estão na categoria Trajetória do Samba; as letras que disseminam o caráter contagiante dessa cultura são classificadas como Encantos do Samba; as canções que falam das agremiações carnavalescas são chamadas de Hinos do Carnaval; e, por fim, os sambas sobre os espaços sociais desta cultura estão na categoria Lugares do Samba.

Não criei essa classificação para enquadrar as obras dentro de conceituações rígidas, nem as considero definitivas. Foi uma forma de organizar o material observado,

considerando que algumas canções são híbridas, contemplando mais de uma categoria. O mais relevante a ser constatado é que os *metassambas*, em uma atitude protagonista, contam “a história que a História não conta” como diz o samba-enredo de 2019 da Mangueira.

A obra de Nelson Sargento é marcada por essa estética diaspórica, com vários sambas autorreferentes. Na categoria Tributos Cantados, localizamos canções dedicadas a Cartola, Paulinho da Viola, Xangô da Mangueira e Dona Ivone Lara, além de outros sambistas citados de forma não exclusiva em várias de suas composições. Em seu

tributo a Cartola, ele reúne títulos de sambas do homenageado, como podemos observar neste trecho: “Só um peito vazio descobre que o mundo é um moinho, e quando isso acontece a alegria vai embora. E as cordas de aço de um violão solam baixinho uma canção que se chama disfarça e chora”.¹⁷ Ao todo, são 15 títulos, dispensando a citação do nome do homenageado na letra. O texto se constrói como um mosaico referencial e o conteúdo afetivo fica implícito na própria atitude de referenciar obras e dialogar melodicamente com o estilo de Cartola.

¹⁷ Canção “Homenagem ao mestre Cartola”. Álbum “História e paisagem - ao vivo no Japão”. Selo Tartaruga Records (Japão), 1993.

A composição de Nelson Sargento que mais se aproxima da categoria Estatuto do Sambista é a que ele dedicou a Olivério Ferreira, o Xangô da Mangueira¹⁸: “Quando Xangô trilhar o apito, peguem firme no cabrito que o samba vai começar. E você, pastora em fileira com sua voz altaneira me ajude a cantar. Mangueira que foste o meu berço dourado, ralhadamente defenderei teu passado”. A atitude de apitar remete à liderança de Xangô da Mangueira, somente após seu apito é que o samba deve começar e as pastoras devem cantar. A

¹⁸ Canção “Quando Xangô pegar no apito”. Álbum “Mangueira - sambas de terreiro e outros sambas”, projeto do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 1999.

palavra *ralhadamente*, enfatiza a braveza com que os integrantes da agremiação devem defender a sua escola. Os estatutos têm a função de regular as relações entre as pessoas que pertencem a um determinado grupo social e os sambas que se enquadram nesta categoria, cumprem função parecida, divulgando posturas comportamentais e valores da cultura do samba.

Entre as letras que registram a Trajetória do Samba, “Agoniza, mas não morre” é um clássico. Embora tenha sido feita durante uma das crises existenciais do gênero musical, no final da década de 1970, o mote inspirador foi uma situação

corriqueira. Nelson Sargento contou¹⁹ que saiu e chegou em casa de madrugada com o “pé na jaca”. Ao chegar, sua esposa à época, que estava doente, acordou e disse: “se eu morresse você nem ia se importar”. Ele respondeu, em ritmo de samba: “fique tranquila, você agoniza, mas não morre”. Indignada, ela devolveu: “E ainda faz samba com a minha desgraça é?”. Isso foi a chave para que ele realmente fizesse um samba, aproveitando as discussões que aconteciam sobre a sobrevivência desta cultura.

Ele conta que aproveitou a deixa e saiu cantando, “parece até que

¹⁹ Entrevista concedida em 2010 para a minha pesquisa de doutorado.

já estava pronto” comentou. A letra²⁰, uma das mais conhecidas do sambista, diz: “Samba agoniza, mas não morre. Alguém sempre te socorre, antes do suspiro derradeiro. Samba, negro forte e destemido, foi duramente perseguido na esquina, no botequim, no terreiro. Samba, inocente pé no chão, a fidalguia do salão te abraçou, te envolveu. Mudaram toda sua estrutura, te impuseram outra cultura e você não percebeu”

Discutindo a maneira de compor dos cancionistas, Tatit (2002, p. 20) avalia que, embora uma canção possa ser feita instantaneamente

²⁰ Canção “Agoniza, mas não morre”. Álbum “Sonho de um sambista”. Selo Eldorado, 1979.

no famoso guardanapo de papel de botequim, “na verdade ela já vinha sendo feita em outros guardanapos, em outras situações, havia dias, meses ou anos”. No entanto, completa o autor, a naturalidade, a espontaneidade e a instantaneidade são valores preciosos ao cancionista.

O depoimento de Nelson Sargento confere ao ato de criação do samba em análise essa espontaneidade, mas um olhar atento sobre a letra revela a forte consciência a respeito das origens do gênero musical, das forças conflituosas que agiram historicamente em sua trajetória, além do reconhecimento dos espaços sociais que o samba ocupou.

Quando o assunto são os Encantos do Samba, o que mais se destaca na obra de Nelson Sargento são as declarações de amor à Mangueira. Na canção Triângulo Amoroso²¹ o compositor faz uma brincadeira com duas supostas rivais: “Elas são o meu tudo na vida. [...] Uma está no lar, é a minha doce companheira, às vezes eu fico com a outra a noite inteira”. A situação completa-se na segunda parte: “Assim vivemos bem, pois ela sabe, afinal, que a sua rival é a Mangueira”. A expressão “o meu tudo” intensifica o afeto da relação com uma linguagem coloquial que remete à intimidade.

²¹ Canção gravada no álbum “Sonho de um sambista”, em 1979, pela Eldorado.

Sob a batuta de Nelson Sargento, o amor ao samba é tratado com humor, colocando em evidência esse traço irreverente de sua personalidade criativa.

No quesito Hinos do Carnaval, a escola de samba “mais querida do planeta” aparece em quase todos os sambas autorreferentes de Nelson Sargento. O trecho da canção a seguir é bastante representativo neste sentido: “Mangueira, teu passado de glória jamais findará. És a oração que eu vivo a rezar. Na beleza sonora dos teus sambas, Mangueira és divina e maravilhosa. É tão envolvente o teu verde e rosa, celeiro de cabrochas e bambas. Manguei-

ra, a tua imponência te fez grande escola, teu poeta maior foi o mestre Cartola”²².

A letra destaca o passado de glória da agremiação, a devoção dos integrantes, o toque peculiar da sua bateria, a tradição que passa de geração para geração. Também fica latente a ideia de magnitude nas expressões: “imponência”, “grande”, “aguerrida” e “já ganhou”. Cartola (ícone do samba, da Mangueira e uma das mais importantes influências de Nelson Sargento) ganha o título de “poeta maior” – uma inversão sintática que dá valor estilístico ao enunciado.

²² Canção “Berço de Bamba”. Álbum “Inéditas”, pelo Projeto Preservação da Música Popular. Selo CCSP - Clube da Criação de São Paulo, 1991.

Por último, na categoria Lugares do Samba, selecionamos uma composição que fala do boteco. A trajetória do samba carioca é repleta de episódios acontecidos nestes cenários, a exemplo do Café Nice e do Zicartola. Em “Idioma esquisito”²³, o botequim justifica a criação de um samba ininteligível, trazendo mais uma vez à tona o bom humor do compositor:

“Fui fazer o meu samba na mesa de um botequim, depois de umas e outras o samba ficou assim: estrambonático, palipopético cibalenítico, estapafúrdico, protopológico, antropofágico presolopépipo, atrove-

²³ Canção “Idioma esquisito”. Álbum “Encanto da Paisagem”. Selo Kuarup, 1986 (LP) e 1996 (CD).

rático, baturitétrico, pratofinâdo-
lo, calotolético, carambolâmbolu,
posolométrico, pratofilônica, pro-
topolágico, canecalônica. É isso aí,
é isso aí, ninguém entendeu nada,
eu também não entendi. (Eu então
vou repetir)”.

A canção foi feita a partir da
junção carnavalizada de palavras,
cujas combinações não formam
uma palavra com significado defini-
do. Nelson Sargento, como um bom
criador popular, aproveita o boteco
como lugar de transgressão e em-
briaguez para ambientar uma brin-
cadeira nonsense com as palavras.

A letra mostra uma peculiarida-
de da cultura do samba como ação

estética criadora: a capacidade de subverter a linguagem e brincar com os sentidos. Brincando e ginguando, os sambistas vão se movimentando para espalhar raízes e formar redes, assim como fazem rizomas. Sobre isso, falaremos no próximo capítulo.



Um rizoma do samba²⁴

O rizoma ao qual esse título se refere não é exatamente um tipo de caule, mas um jeito de ser e estar no mundo. A inspiração para a construção dessa imagem metafórica vem da botânica e busca retratar o movimento de espalhar raízes e formar redes na cultura do samba.

²⁴ Texto inspirado no artigo de minha autoria, intitulado “Rizomas do Samba: os mediadores de uma cultura”, publicado na Revista Tecap - Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares, v. 12, n. 2, nov. 2015.



Lançamento do livro “Nelson Sargento e as redes criativas do samba” na livraria Folha Seca, na rua do Ouvidor, centro do Rio de Janeiro (2014). Fonte: acervo de Conexão Social (Ronaldo Mattos)

Em meados de 2013 eu estava finalizando a tese e naquele momento tive um olhar panorâmico sobre a obra e a trajetória de Nelson Sargento. Os estudos me mostraram que além de cantor e compositor, suas facetas mais conhecidas, o

sambista também foi artista plástico, escritor, ator, produtor de programa de rádio, palestrante e ativista. Diante de tantos Nelsons, eu tentava achar um conceito capaz de sintetizar essa trajetória múltipla e marcada por uma conexão intergeracional muito fecunda, fundamental para a vivacidade do samba e das escolas de samba.

Ao buscar uma imagem metafórica, visualizei um movimento que se dava entre a raiz e os novos frutos. E com essa imagem em mente, fui buscar inspiração em livros de botânica. Caminhando por corredores até então nunca por mim visitados na biblioteca da universida-

de, encontrei em um livro o termo “rizoma²⁵”. Mas o que é um rizoma? É um tipo de caule – elemento de ligação entre a raiz e as folhas de uma planta, com funções de reserva e circulação; possui um sistema de tubos responsável pelo transporte de materiais, em ambos os sentidos, entre a copa e o sistema radicular.

Os rizomas são formados por fibras que lhe dão grande resistência. Alguns autores comparam o órgão da planta à espinha dorsal dos animais. Alongado horizontalmente, o caule rizomático se diferencia por

²⁵ Aos que conhecem o conceito de rizoma usado nas ciências humanas, um aviso: eu uso essa imagem como uma metáfora inspirada na fisiologia dos vegetais, com base na definição de Ferri (1983)

possuir gemas axilares – que lhe conferem a função de gerar novas plantas. Além de permitir a reprodução da planta, o rizoma também possibilita que ela ocupe um território mais amplo e heterogêneo, pois nutre os novos brotos até que possam formar suas próprias raízes. Muitos rizomas (como a grama, por exemplo) formam uma rede que confere maior resistência à planta, que pode, assim, nutrir-se de diferentes raízes.

Achei interessante essa definição. A imagem metafórica parecia dar conta de representar a capilaridade de um artista que conviveu com as primeiras gerações de sambistas e

abasteceu as novas gerações com a água que bebeu naquela fonte. Como um caule rizomático, o movimento de Nelson Sargento foi contínuo e variado: ao mesmo tempo em que compunha sambas, ele elaborava poesias, pintava quadros e fazia shows. Em quase um século de vida, espalhou raízes do samba no tempo e no espaço, tendo se apresentado até no Japão. Através de suas lutas culturais e suas criações artísticas, fez circular a seiva que alimenta nossa arte popular, e confere a resistência necessária ao samba.

Foi referência, parceiro e fonte de pesquisa para as novas gerações de sambistas. Com memória privi-

legiada, revelou relíquias da cultura popular brasileira. Falava da história com a legitimidade de quem esteve lá. Tendo vivido momentos de glória e sufoco do samba, bem como as transformações do gênero musical e das escolas de samba, contribuiu para que o gênero musical chegasse a novos territórios.

Foi um importante mediador cultural do samba, apontando perdas estéticas que rondavam os desfiles de carnaval à medida que cresciam suas características de espetáculo turístico e comercial. Apontou, igualmente, contra o empobrecimento poético do samba, para torná-lo mercadoria de con-

sumo rápido. No mundo da comunicação de massa, Sargento foi produtor cultural: roteirizou e dirigiu um programa radiofônico dedicado ao samba, tendo como trunfo sua própria experiência de memorialista e criador popular.

Como um intelectual popular, atuou no campo da pesquisa criativa da literatura do samba. Foi um colecionador de trechos poéticos da literatura e da música brasileira, que para ele constituíram objeto de estudo. Ante a indiferença com que, muitas vezes, são tratados os compositores e sambistas populares, foi um memorialista, resgatando a história e a riqueza de personagens da cultura brasileira.

Ao mesmo tempo em que era pesquisador, também era fonte primária de pesquisas, que afirmava com propriedade como as coisas faziam sentido para os sambistas. Como diz Martín-Barbero (2003), o valor da cultura popular não reside somente na sua beleza, mas sim em sua representatividade sociocultural, em sua capacidade de materializar e expressar o modo de viver e de pensar das classes subalternas, as formas como sobrevivem e as estratégias através das quais ressignificam o que vem da cultura hegemônica e fundem com o que vem de sua memória histórica.

A ideia de rizoma do samba foi

inspirada principalmente nesse movimento contínuo de espalhar raízes e formar redes, um papel exercido por mediadores sociais, figuras com grande influência na disseminação dessa cultura, responsáveis pela geração de conexões fundamentais que atravessam gerações e extrapolam limites geográficos. A alcunha atribuída a Nelson Sargento é resultado dessas reflexões e se consolidou quando entendi que muitos rizomas formam uma rede que confere maior resistência à planta, pois ela pode se nutrir de diferentes raízes, e se uma estiver temporariamente sem água, há sempre outra. Assim, a planta até “agoniza, mas não morre”.



O suspiro derradeiro

Quando Nelson Sargento deu o seu suspiro derradeiro, o Brasil agonizava com a pandemia de Covid-19 . Ele se foi aos 96 anos, deixando um legado imensurável para o mundo do samba.



Juliana Barbosa e Nelson Sargento no lançamento do livro “Nelson Sargento e as redes criativas do samba”, na livraria Folha Seca, no Rio de Janeiro (2014). Fonte: Conexão Social (Ronaldo Mattos)

O Brasil agonizava quando ele deu o seu suspiro derradeiro. Naquele 27 de maio de 2021, quando Nelson Sargento nos deixou, o país já havia perdido mais de 450 mil vidas devido ao coronavírus. Aos 96 anos, o sambista foi um dos pri-

meiros idosos vacinados contra a Covid-19 no Rio de Janeiro e, embora tenha tomado duas doses da vacina, a idade avançada e a saúde fragilizada foram fatores determinantes para que ele se juntasse às milhares de vítimas da pandemia.

Além de protagonizar a campanha pela vacinação, ao longo de sua carreira o sambista participou de várias ações sociais e projetos ligados aos direitos humanos. Em 2013, por exemplo, foi Embaixador da Campanha Nacional de Carnaval pelo Fim da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes, a convite da Presidência da República, através da Secretaria de Direitos Humanos.

Sua militância foi forte também através da arte, por meio de suas obras ele denunciou injustiças sociais, como por exemplo na canção em que diz: “Morro, és lindo quando o sol desponta, e as mazelas vão por conta do desajuste social²⁶”, ou quando homenageou o Vasco, seu time do coração, destacando a luta do cruzmaltino contra o racismo: “Vasco da Gama baniu o preconceito em nome do direito, dando razão à razão²⁷”.

Ele, que nunca fez questão de ser um imortal da Academia, deixou um legado cheio de vivacidade que se-

²⁶ Canção “Encanto da Paisagem”, do álbum homônimo. Selo Kuarup, 1986 (LP) e 1996 (CD).

²⁷ Canção “Nelson Sargento”, do álbum “Estação Madureira”. Selo Alma Boêmia Discos, 2017.

gue alimentando a cultura do samba. De acordo com Fenske (2022), são mais de 400 canções criadas pelo sambista, com pouco mais de 100 gravadas; ao todo o compositor lançou 8 álbuns solo e outros 14 em parceria, além da participação especial em dezenas de álbuns de outros artistas. Como escritor, deixou 5 livros publicados, sendo um deles em coautoria. Seus mais de 600 quadros espalham pelo mundo afora imagens dos morros, escolas de samba, sambistas e baianas; atuou em mais de 15 produções audiovisuais entre filmes, séries, novelas e documentários.

A riqueza de sua obra lhe ren-

deu uma série de homenagens póstumas. Em julho de 2021, por exemplo, o Terreirão do Samba foi batizado com o nome de Nelson Sargento e, dois anos depois, esse espaço cultural, localizado na Praça Onze, no centro da cidade do Rio de Janeiro, foi tombado como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Rio de Janeiro. Em 2022, o sambista virou nome de rua, numa via localizada nas proximidades do local em que a Mangueira faz seus ensaios de rua.

Mas o sambista, mangueirense e vascaíno, sempre dizia que gostava de receber “flores em vida”. E recebeu. Foram várias homena-

gens, prêmios e condecorações recebidas ao longo de sua carreira.

Entre os sambas feitos em homenagem a ele, destacamos: “Flores em Vida (para Nelson Sargento)²⁸”, de Moacyr Luz e Aldir Blanc, que diz: “Sargento apenas no apelido, guerreiro negro dos Palmares, Nelson é o Mestre-Sala dos mares”; e o samba²⁹ de Toninho Geraes e Chico Alves, cuja letra afirma: “Esse bamba tem patente, sua arma é a viola e seu quartel é a Mangueira de Cartola”. Temos ainda os sambas “Sargento”

²⁸ “Flores em vida” [para Nelson Sargento]. (Moacyr Luz e Aldir Blanc) | Álbum “Vitória da ilusão”. (Moacyr Luz). CD. Selo Dabliú, 2000.

²⁹ “Nelson Sargento” (Toninho Geraes e Chico Alves) | Álbum ‘Estação Madureira’. (Toninho Geraes). Selo Alma Boêmia Discos, 2017.

de Robson Batuta e Leandro Matos, e o “Samba pra Nelson Sargento” de autoria de Maurício Carrilho.

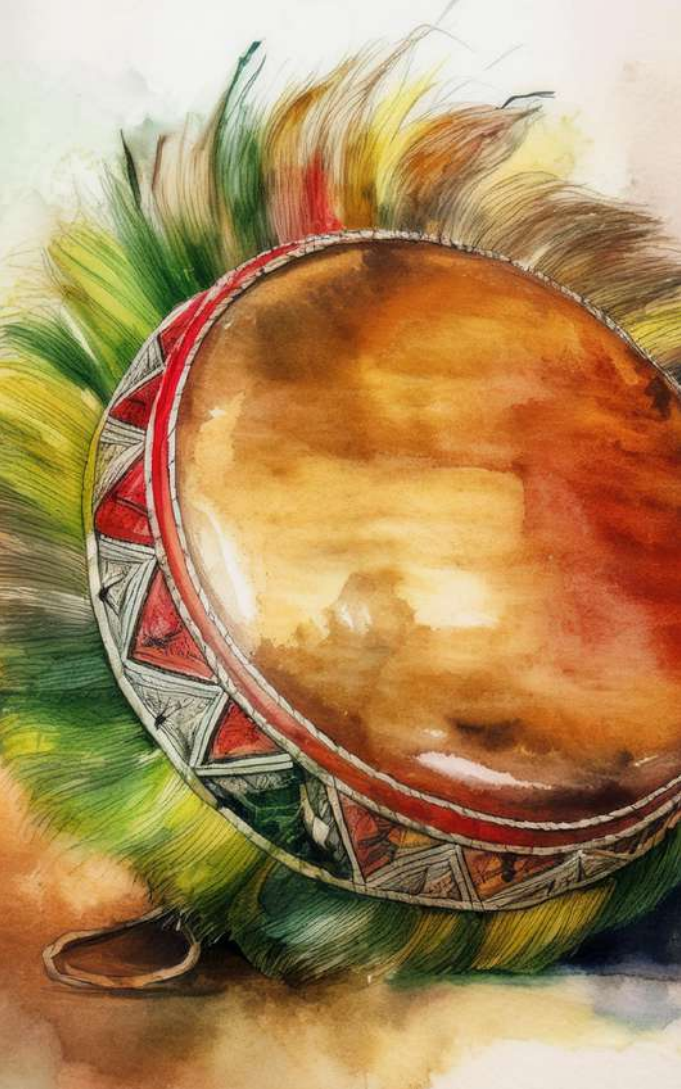
O carnaval também fez seus tributos ao mestre. Em 2012, Nelson Sargento foi enredo da escola de samba Unidos do Jacarezinho e em 2015 da Inocentes de Belford Roxo. No mesmo ano recebeu o “Estandarte de Ouro” na categoria Personalidade do Carnaval, prêmio concedido pelos Jornais O Globo e Extra.

Em 2013 foi ganhador da 24^a edição do Prêmio da Música Brasileira, na categoria melhor álbum de samba, com o disco “O samba da mais alta patente”, lançado

pela Selo Olho do Tempo, no ano anterior. Em 2017, foi eleito Cidadão Samba pelos leitores do jornal Extra. Entre as condecorações recebidas estão a “Medalha Pedro Ernesto” conferida em 1996 pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro; o título de Comendador da Ordem Mérito Cultura, outorgado em 2016 pelo Ministério da Cultura; e a Medalha São Sebastião do Rio de Janeiro da Ordem do Mérito Cultural Carioca, concedida em 2020, pela Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro.

Enfim, por tudo que foi, por tanto que fez, Nelson Sargento merece muitas homenagens. Mais que um

compositor, ele foi ao mesmo tempo história e historiador do samba, com profunda habilidade para transmissão da herança cultural que recebeu das primeiras gerações de bambas. Na arena dos embates socioculturais, atuou com consciência e classe e raça. Sua obra tem poesia e crítica, tem humor e sagacidade. Este livro, comemorativo ao centenário de seu nascimento, busca jogar luz sobre a riqueza desse legado, revelando a estética criadora de um artista ímpar, um sambista que nos orgulha profundamente enquanto brasileiros.





Referências

ANTONIO, João. **Zicartola e que tudo mais vá pro inferno**. São Paulo: Scipione, 2007.

BARBOSA, Juliana dos Santos;
PANICHI, Edina R. Pugas. A estética da linguagem na cultura do samba: o processo de criação de Nelson Sargento. In: **XX Seminário do CELLIP - Centro de Estudos Linguísticos e Literários do Paraná.**, 2011, Londrina. Anais do XX Seminário do CELLIP, 2011. v. XX.

_____. **Nelson Sargento e a cultura do samba: aspectos da criação**. (Tese Doutorado em estudos da linguagem). Universidade Estadual de Londrina, UEL, 2013.

_____. **Nelson Sargento e as redes criativas do samba**. Curitiba: Editora Appris, 2014.

_____. Nelson Sargento, um rizoma do samba, faz 90 anos. **Jornal de Londrina**, Londrina (PR), p. 2 - 2, 20 jul. 2014.

_____. Rizomas do Samba: os mediadores de uma cultura. **Revista Tecap – Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares**, v. 12, n. 2, nov. 2015.

CAMPOS, A. D. et al. **Um certo Geraldo Pereira**. Rio de Janeiro. Funarte/INM/Divisão de Música Popular, 1983.

FENSKE, Elfi Kürten (pesquisa, seleção, edição e organização). Nelson Sargento “samba, negro, forte, destemido”. In: **Templo Cultural Delfos**, setembro/2022. Disponível no link. <https://www.elfikurten.com.br/2020/11/>

[nelson-sargento.html](#). Acesso em 26/04/2024.

FERRI, M. G. **Botânica:** Morfologia externa das plantas. 15. ed. São Paulo: Nobel. 1983.

HALL, Stuart. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

NELSON Sargento: vida e obra. Material informativo produzido pela família de Nelson Sargento e cedido para Juliana dos Santos Barbosa. Rio de Janeiro: 2009.

PEREIRA, Arley. **Cartola:** semente de amor eu sei que sou, desde nascença. São Paulo: Edições SESC SP, 2008.

REVISTA HISTÓRIA DO SAMBA.
Rio de Janeiro: Editora Globo.
Num.30, 1998

RUIZ, Roberto. **Araci Cortes:** Linda flor. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1984.

SALLES, Cecília. **Redes da criação:** construção da obra de arte. Vinhedo: Editora Horizonte, 2006.

SARGENTO, Nelson.
Pensamentos. Rio de Janeiro: Ed. Olho do Tempo, 2005.

SILVA, Marília T. B. e OLIVEIRA FILHO, Arthur. **Cartola:** os tempos idos. 2. ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 2008.

SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo.** 2. ed. Rio de Janeiro, Mauad, 1998

TATIT, Luiz. **O cancionista.** 2. ed. São Paulo: Editora da USP, 2002.



CONTATOS COM A AUTORA

E-mail

jsbcomunicacao@gmail.com

LinkedIn

<https://www.linkedin.com/in/jsbcomunicacao/>

Instagram

@estacaosamba

@jubarbosa.profe

Spotify

Estação Samba

<https://abrir.link/SZsgM>



SYNTAGMA